

O EMPIRISMO LÓGICO NA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Por Urbano Zilles
PUC - RS

Por empirismo lógico ou neopositivismo aqui entendemos a orientação filosófica que, na primeira metade de nosso século, partiu do chamado de "círculo de Viena". Neste círculo filosofia coincide mais ou menos com lógica da ciência.

1 — O círculo de Viena.

O círculo de Viena nasce em determinada situação histórica. Ao lado da matemática e das ciências naturais, a filosofia tinha pouca vez. O que a filosofia diz, parecia pouco claro. As discussões filosóficas careciam de argumentação racional rigorosa. Para fazer filosofia era, pois, necessário fazê-la cientificamente. Desta maneira os membros do círculo de Viena perseguem um objetivo análogo a Edmund Husserl, que também tentara uma "filosofia como ciência de rigor". Contudo os pressupostos são diversos.

Os membros desse círculo eram pensadores que se reuniam regularmente em Viena para debates em forma de seminário. Sentiam-se como grupo, apresentando-se como tal em congressos. Seu órgão de comunicação era o periódico "Erkenntnis". A maioria eram cientistas ou exercitados no pensamento matemático e científico.

O grupo surgiu sob influência do "Tractatus Logico-Philosophicus" de Ludwig Wittgenstein (1922). Apareceu em público com o documento programático de 1929 "Wissenschaftliche Weltauffassung: Der Wiener Kreis". As figuras principais eram Moritz Schlick (1882-1936), Hans Hahn (1880-1934), Otto Neurath (1882-1945), Hans Reichenbach (1891-1953) e Rudolf Carnap (1891...). Desfez-se oficialmente com a anexação da Austría por Hitler em 1938. Com a invasão nazista, os principais mentores emigraram para a Inglaterra e os Estados Unidos.

Os problemas filosóficos colocados pelo "círculo de Viena" referem-se, sobretudo, à teoria do conhecimento. Inspiraram-

se no modelo das ciências naturais porque seus enunciados podem ser verificados empiricamente e na lógica. A teoria do conhecimento passou a ser teoria da ciência.

O ponto de partida para a filosofia, para esses pensadores, foi a empiria e a lógica moderna. O relacionamento entre ambos constitui um dos principais problemas filosóficos. A tônica está justamente na aplicação da lógica aos dados empíricos e na concepção não-empírica da lógica. Nesse ponto foram influenciados pela escola de Marburg, por Husserl e Brentano. O que lhes dá o caráter de verdadeira escola é a comum rejeição da metafísica.

Uma das principais características do pensamento neopositivista é o postulado da verificação. A significação de um juízo ou enunciado depende de sua verificabilidade. Proposições não verificáveis empiricamente carecem de sentido. Ora, juízos metafísicos nunca poderão ser verificados por fatos. Portanto, carecem de sentido, ou seja, de toda significação cognitiva. Desta maneira "verificável" torna-se sinônimo de "verdadeiro" e a realidade é idêntica à soma dos fatos. Também na ética e na estética as proposições não constatarem fatos, mas valores. Os juízos a priori na matemática e lógica, são formais e podem servir de ajuda na descrição de fatos.

Como em toda filosofia analítica da linguagem, há uma desconfiança contra a linguagem ordinária por causa da insuficiente univocidade frente às exigências rigorosas da ciência, sobretudo, das ciências exatas. Por isso o círculo de Viena, destacando-se Carnap, propõe-se construir uma linguagem científica totalmente unívoca. A linguagem comum ou ordinária tem caráter não-estruturado e a-sistemático. Ora, esta ambiguidade origina a especulação metafísica, pois, permite grande liberdade, uma liberdade incontrolada e incontrolável. Essa especulação metafísica só será superada por linguagens convencionais e unívocas (metalinguagens).

2 — Uma motivação anti-metafísica

O empirismo lógico (Carnap, Schlick e Reichenbach) queria libertar a filosofia da moléstia metafísica. Seus representantes menosprezavam obras como "Sein und Zeit" de Heidegger. Inspiraram-se no empirismo inglês, sobretudo em David Hume. Esse concluíra sua "Investigação sobre o Entendimento Humano" com a afirmação solene de que todo nosso conhecimento tem origem na experiência. Escreveu: "Quando persuadidos destes princípios, passarmos em revista as bibliotecas, que devastação não faremos? Se tomarmos nas mãos um volume qualquer de teologia ou de metafísica escolástica,

p.x., perguntemos: *Este livro contém algum raciocínio abstrato sobre quantidade ou número? Não. Contém algum raciocínio experimental sobre questões de fato ou de existência? Não. Para o fogo com ele, pois, outra coisa não pode encerrar senão sofismas e ilusões*" (1).

Nesta colocação de Hume manifestam-se as duas grandes características do conhecimento das ciências da natureza e da sociedade: a *racionalidade e a objetividade*. Por racionalidade entende-se que o conhecimento está constituído por conceitos, juízos e raciocínios, não por sensações, imagens etc. Portanto, o ponto de partida e de chegada são as idéias. Essas podem combinar-se conforme regras lógicas para produzir novas idéias, já implícitas nas premissas. Surgem, então, por dedução, conhecimentos novos ao nível da consciência explícita. Essas idéias ordenam-se em sistemas de idéias, ou seja, ou formam conjuntos ordenados de proposições (teorias).

Por objetividade, no conhecimento científico, entende-se a concordância aproximada do enunciado com seu objeto. Tenta-se conseguir a verdade fáctica. Verifica-se a adaptação das idéias aos fatos recorrendo a um comércio peculiar com os mesmos (observação-experimento), um intercâmbio que até certo ponto é controlável e reproduzível. Nesse caso temos enunciados objetivos.

Os empiristas lógicos concordam que afirmações, no campo da ciência, ou se referem ao reino abstrato da lógica e da matemática, ou ao mundo concreto de nossa experiência. Do contrário temos enunciados vazios. Por esta razão enunciados metafísicos sobre o "ser" carecem de sentido, não tem significação cognitiva, pois empiricamente não são verificáveis.

O velho empirismo é retomado com o novo instrumento da analítica. Emprega-se a lógica formal moderna (logística) para desenvolver uma crítica empírica contundente da metafísica. Esse passo também se manifesta evidente nos trabalhos de Frege, Russell e Whitehead. A logística contribui para um triplice objetivo:

- 1.º Saber o que é verdade matemática para distingui-la da metafísica (programa da matemática teórica).
- 2.º Formular a relação entre uma proposição X e proposições que representam a observação direta do mundo, se X for significativa (critério da verificação).
- 3.º Construir um sistema conceptual apto a desmascarar a metafísica.

Segundo Carnap, todo o problema insolúvel no caminho lógico-empírico é apenas aparente. Tais problemas aparentes

são as questões metafísicas como, p.ex., o sentido do mundo e da vida, da existência de Deus etc. Tais questões simplesmente não tem significação cognitiva porque a resposta jamais poderá ser verificada.

A influência do círculo de Viena perdura até nossos dias, sobretudo no mundo anglo-saxônico. Sua atitude empirista enfoca o dado de modo "atomista". Insere-se numa linha de pensamento muito forte no século XIX quando reconhece apenas a matemática (e a lógica) e a ciência empírica como ciência. Neste horizonte pode ser rejeitada a metafísica e a filosofia reduzir-se-á à teoria da ciência. Embora discutível em seu ponto de partida, não se pode negar que esses filósofos obrigam os metafísicos a examinarem mais criticamente o uso da linguagem em seus enunciados. Sob este aspecto, o trabalho de Rudolf Carnap merece atenção especial.

3 — Rudolf Carnap

Os começos da filosofia de Carnap estão vinculados estreitamente ao "círculo de Viena". Estava convencido de que a especulação metafísica surgiu por falta de convenções na linguagem comum. Por isso procurou construir uma linguagem ideal. Desenvolveu todo um sistema da sintaxe lógica para complementar a gramatical. Todas as questões lógicas podem ser compreendidas formalmente. Por isso devem ser formuladas como questões sintáticas. A matemática serviu-lhe de modelo de uma meta-teoria dos sistemas da sintaxe lógica. As linguagens formais deveriam ser totalmente livres de especulações metafísicas. Para isso buscou uma base formal que lhe permitisse distinguir proposições metafísicas de não metafísicas. Tentou mostrar que uma linguagem formal só representa proposições da ciência empírica ou é modo prático de expressão. Na última fase desse programa tinha que mostrar que os princípios da sintaxe lógica tem razão suficiente para excluir proposições metafísicas.

3.1 — Sintaxe lógica

Carnap tentou elaborar uma filosofia da linguagem formal em oposição à linguagem ordinária. Tentou oferecer uma análise sintática de conceitos da lógica formal dedutiva, como demonstrabilidade, deductibilidade de conceitos etc. Mas, o motivo filosófico predominou. Segundo ele nas discussões filosóficas do círculo de Viena, o resultado atingia a linguagem, não o mundo. Tais problemas deveriam ser formulados numa

meta-linguagem, não na objetiva. A metalinguagem rigorosa contribuiria para uma maior clareza na formulação de problemas filosóficos.

Segundo Carnap, todos os problemas filosóficos são controversias não sobre fatos, mas sobre qual a moldura lingüística mais adequada para uma pesquisa científica ou descritiva. Os próprios problemas filosóficos surgem porque os filósofos não entenderam que, neste sentido, problemas filosóficos são apenas lingüísticos.

Para Carnap, nas linguagens comuns, usadas na pesquisa filosófica ocorrem dois modos de falar: quanto ao conteúdo e quanto à forma. P. Ex., a proposição "rosas são coisas" refere-se não tanto à construção lingüística quanto a coisas reais. Mas, a proposição "rosa tem quatro letras" pertence ao modo formal porque atribui uma qualidade sintática à uma construção lingüística. No fundo também proposições pertencentes ao modo objetivo não são objetivas. P. Ex., a proposição "cinco é um número" ou "Porto Alegre é uma cidade grande" refere-se à forma sintática de construções lingüísticas. Parece que a proposição "cinco é um número" trata de um objeto chamado "cinco", do mesmo modo que falamos de outras coisas. Mas, na verdade, o termo "cinco" está ordenado na categoria sintática dos números. É a proposição sintática de modo formal de falar que explica o caráter pseudo-objetivo de proposições. Em nosso caso, a proposição sintática correspondente é "cinco não é nome de uma coisa, mas número".

Segundo Carnap, a maioria dos verdadeiros problemas filosóficos tem a ver com proposições pseudo-objetivas. O erro dos filósofos foi considerar as mesmas como verdadeiras proposições objetivas. Ora, as linguagens comuns trabalham mais com o modo objetivo porque os sujeitos se ocupam mais com coisas que com simples palavras. Por outro lado, as linguagens naturais ou comuns não dispõem de uma oferta suficiente de conceitos sintáticos que permitem o modo formal. O erro de não interpretar proposições pseudo-objetivas como formais impede de solucionar os problemas filosóficos tradicionais. Carnap escreve: "As questões objetivas (p. ex., sobre números, coisas, espaço e tempo, as relações entre o psíquico e físico) que ocorrem na lógica científica são apenas pseudo-objetivas por causa da formulação errônea que parece relacioná-las com objetos enquanto na realidade se referem a proposições, conceitos e construção de proposições e semelhantes, ou seja, na verdade são questões lógicas... Todas as questões lógicas podem ser apreendidas formalmente e, por isso, podem ser formuladas como questões sintáticas "(Logische Syntax der Sprache, p. 207 s.).

Carnap defende a idéia de que todos os problemas da lógica científica, desde que formulados com exatidão e rigor, se apresentam como problemas sintáticos. Proposições pseudo-objetivas como "números são classes de classes de coisas" devem ser traduzidas nas proposições sintáticas correspondentes: "As expressões numéricas são expressões de classe de segundo grau", ou "identidade não é relação" em "sinal de identidade não é descritivo". Sem essa tradução podemos iludir-nos, pensando indagar coisas quando, na verdade, examinamos palavras e proposições.

O princípio anti-metafísico de Carnap pode ser formulado como segue: Nenhum enunciado de uma linguagem ordinária, que não é verdadeiro enunciado objetivo e no contexto da teoria da sintaxe lógica não pode ser traduzido em outro sintático, tem significação cognitiva. Ora, sendo verdadeiros enunciados objetivos aqueles com os quais expressamos fatos, e enunciados sintáticos aqueles com os quais formulamos relações conceituais matemáticas, lógicas e outras. Portanto, o que não é verificável pela experiência empírica, nem por uma relação necessária das idéias, é bobagem. O problema é que Carnap não desenvolveu um método que permitisse traduzir todas as proposições pseudo-objetivas em sintáticas.

3.2 — Problemas de sintaxe lógica

O problema nevrálgico de Carnap consiste em a teoria sobre a sintaxe lógica não oferecer a concepção de uma linguagem formal tão ideal que permita concretizar seu programa. Além disso, a distinção entre proposições objetivas verdadeiras e pseudo-objetivas como as metafísicas não está nada clara. Que significa essa classificação? Se admitirmos a classificação das proposições da linguagem comum nas categorias de objetivas, pseudo-objetivas intraduzíveis e sintáticas, ainda permanece a questão de quando se pode chamar uma proposição sem correlato sintático como sendo de significação cognitiva ou não.

Na linguagem não existe apenas o aspecto sintático, mas também o semântico e o pragmático. Uma teoria completa da linguagem, como o próprio Carnap constatou mais tarde sob influência do trabalho de Tarski sobre o conceito de verdade, abrange três campos: a *sintaxe* que se refere as propriedades formais de construções lingüísticas; a *semântica*, cujo campo é a relação entre entidades lingüísticas e coisas, acontecimentos e fatos como a relação entre proposições e condições do circum-mundo, que devem existir para que proposições sejam verdadeiras; a *pragmática* que se ocupa com as

características do uso lingüístico, dos motivos psicológico dos locutores, das reações dos ouvintes, da sociologia de diferentes formas lingüísticas.

As regras da sintaxe fornecem o vocabulário para a língua, que consiste em dois tipos de símbolos: símbolos descritivos e lógicos. Os primeiros descrevem diretamente aspectos do mundo, p.ex., "é azul" etc. Os outros símbolos advém da lógica elementar, p.ex., ligações das variáveis proposicionais e funcionais a verdade, tiradas da lógica proposicional, os quantificadores e variáveis individuais da teoria da quantificação e o sinal de identidade. Além disso, as regras da sintaxe também oferecem as regras para a construção de proposições.

Na segunda fase, Carnap desenvolveu a semântica. Percebeu que sua concepção da lógica como sintaxe puramente formal precisava de complementação para atender a significação dada nas expressões da linguagem científica. Na linguagem devemos considerar o locutor, com a expressão usada e com a significação da expressão, i.é, com aquilo para que indica a expressão. Uma indagação completa de todos os três fatores chama-se pragmática. Se abstrairmos do locutor, atendendo apenas à expressão e seu significado, movemo-nos na semântica. E, se também abstrairmos da significação, fazemos uma investigação sintática. Tanto a semântica como a sintaxe podem ser realizadas empírica ou logicamente. No primeiro caso examinamos linguagens realmente à disposição, ou seja, linguagens ordinárias ou comuns. Trata-se, então, de semântica ou sintaxe descritiva. No segundo caso, trata-se de linguagens ideais, de semânticas ou sintaxe "puras". Para construir uma tal linguagem deverá trabalhar-se com uma meta-linguagem, que geralmente é a própria linguagem ordinária.

3.3 — O princípio da verificação

Reichenbach corrigiu, mais tarde, o princípio verificação do neopositivismo. Para a maioria dos neopositivistas, p.ex., para Carnap o problema da existência do mundo exterior é um problema aparente. Para Reichenbach este não é o caso. Objeta a Carnap que procura certeza absoluta onde só se pode encontrar probabilidade. Se não conseguimos mais que probabilidade, deveremos reformular o princípio da verificação. Podemos dizer que uma proposição tem sentido quando se pode determinar o grau de probabilidade. Neste contexto podemos dizer mais a favor da existência de um mundo exterior que contra. Portanto, essa tese é mais provável que a tese de que nada existe a não ser nossas experiências. Ademais é mais útil para o próprio desenvolvimento das ciências.